




ENTRE A VIDA E A MORTE: A ANGÚSTIA EXISTENCIAL E A BUSCA POR SIGNIFICADO EM CLARICE LISPECTOR E HEIDEGGER

 <https://doi.org/10.56238/levv15n43-134>

Data de submissão: 30/11/2024

Data de publicação: 30/12/2024

Fabiano Madeira Lacerda

Mestre em Ensino
Universidade Federal Fluminense
E-mail: fabianomadeiralacerda@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6638081410812505>

Antonio Carlos Gualande Ribeiro

Especialista em Gestão Escolar
Semed- Laje do Muriaé
E-mail: antoniocarlosgualanderibeiro@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5049803723200344>

Melina Barbosa de Assis Pereira de Mello

Mestre em Ensino
Universidade Federal Fluminense
E-mail: melinamello@id.uff.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9988643174682171>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6143-8887>

Leila Maria de Andrade

Mestranda em Ensino
Universidade Federal Fluminense
E-mail: leilamariaanrade@id.uff.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3076452412460998>

Thuanne da Silva Motta

Mestre em Ensino
Universidade Federal Fluminense
E-mail: thuannemotta2024@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0284-3353>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6034046466186772>

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre a morte e a angústia existencial na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, à luz da filosofia de Heidegger. A personagem Macabéa, marcada pela falta de autoconhecimento, enfrenta a morte como um momento de revelação existencial. Heidegger vê a morte como uma possibilidade constitutiva do ser, que define o Dasein e a relação do indivíduo consigo mesmo. A morte, mais do que um fim físico, é uma condição para o autoconhecimento e o significado



da vida. O artigo conclui que tanto Lispector quanto Heidegger nos desafiam a confrontar nossa finitude para encontrar sentido na existência.

Palavras-chave: Morte. Angústia Existencial. Identidade. Epifania.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as experiências de perda e dor se tornaram uma constante na vida de muitas pessoas, especialmente com o impacto da pandemia de COVID-19. A morte, um tema sempre presente na existência humana, foi amplificada, forçando-nos a refletir não apenas sobre a morte biológica, mas sobre a morte existencial. A pergunta “por que viver?” torna-se uma questão existencial e filosófica urgente diante de um cenário de perdas e incertezas. A angústia existencial, conforme explorada pelo filósofo Martin Heidegger, é um elemento fundamental da condição humana, sendo a morte, em suas diversas formas, uma das maiores ocorrências dessa angústia.

Este artigo se propõe a explorar a temática da morte e da angústia existencial através de uma análise filosófica e literária, com base nas ideias de Heidegger e na obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. A personagem Macabéa, com sua existência marcada pela falta de definição e por uma incompletude existencial, será o principal foco de nossa análise, pois sua trajetória pode ser entendida como uma representação da busca (ou da falta de busca) por um sentido para viver em meio à incompreensão da morte.

O objetivo deste artigo é analisar, à luz da filosofia de Martin Heidegger, as implicações da morte e da angústia existencial na vida humana, utilizando a personagem Macabéa como estudo de caso para ilustrar como a morte é vivenciada de forma simbólica e existencial. Pretende-se discutir como a falta de sentido na vida e a falta de uma projeção de morte podem resultar em uma existência pela angústia e pela incompletude. Além disso, o artigo busca evidenciar como essas reflexões filosóficas podem ser aplicadas à experiência contemporânea de perda e crise existencial vivenciada por muitas pessoas, especialmente em tempos de pandemia.

A metodologia adotada será qualitativa e interpretativa, com uma abordagem hermenêutica, focada na análise de textos filosóficos e literários. A obra “A Hora da Estrela” será comprovada com base nas principais ideias de Heidegger sobre a morte e a angústia existencial, em especial no que se refere à compreensão do ser humano como um ser para a morte. Será feita uma leitura crítica do comportamento e da psicologia de Macabéa, utilizando os conceitos heideggerianos para interpretar a sua falta de projeto de vida e a sua relação com a morte. O método de análise será comparativo, envolvendo a conexão entre a teoria filosófica e a literatura de Clarice Lispector, buscando compreender as manifestações de angústia existencial e as implicações da falta de sentido na vida e na morte.

Este artigo, ao explorar a angústia existencial por meio das ideias de Heidegger e do personagem Macabéa, busca reflexões sobre a crise de sentido vivido na contemporaneidade, especialmente após a pandemia de COVID-19. A morte, tanto biológica quanto existencial, provoca o questionamento sobre o lugar e o propósito do ser humano no mundo. Macabéa, com sua vida sem rumor e sem projeção, ilustra o vazio existencial que muitos enfrentam. A análise desses conceitos

revela que o enfrentamento da morte e da finitude continua sendo uma das questões mais universais e desafiadoras da experiência humana, exigindo reflexão e uma nova maneira de se relacionar com a vida.

2 A ANGÚSTIA DO SER E A REVELAÇÃO DA MORTE NAS OBRAS DE HEIDEGGER E LISPECTOR

O contato com a perda e a compreensão de sua necessidade é um processo profundamente complexo para o ser humano. Muitas vezes, evitamos a perda de todo custo, agarrando-nos a verdades e certezas que nos impedem de entender que, em muitos momentos, perder é necessário. A busca pela existência é, na verdade, um constante processo de perda. Nos últimos anos, especialmente com o impacto devastador da pandemia, muitos foram forçados a sair de suas zonas de conforto e a enfrentar com frequência a morte física de entes queridos. Esse enfrentamento da morte levou a uma reflexão mais profunda sobre o próprio Ser e a existência, gerando a pergunta: o que significa existir?

A perda de tantas vidas tornou-se a morte uma realidade constante e inescapável, forçando a humanidade a lidar não apenas com a morte biológica, mas também com a morte existencial. A necessidade de “morrer” internamente, de deixar para trás velhas certezas e buscar um novo significado para a vida, se tornou urgente. Nesse cenário, uma das maiores questões que o ser humano enfrenta é a busca por um propósito: por que viver? Ou, mais intimamente, para que viver? Este conflito existencial, que acompanha a humanidade ao longo de sua trajetória, continua sendo um dos maiores desafios de nossa existência.

O ser humano, como um ser que “está aí” e destinado à morte, se vê, muitas vezes, em um processo angustiante de autodescoberta. Ao tentar entender seu lugar no mundo, ele se depara com a finitude e com o vazio diante das coisas que o cercam, o que o direciona ao nada. Essa angustiante busca de sentido nos leva, inevitavelmente, a confrontar a nossa própria mortalidade. Heidegger, em *Ser e Tempo*, explora essa ideia ao afirmar que “determinamos a ideia de existência como poder-ser que compreende, e onde está no jogo seu próprio ser”. O filósofo acrescenta: “Sendo, porém sempre meu, o poder-ser é livre para a propriedade e a improriedade ou ainda para um modo de indiferença” (Heidegger, *Ser e Tempo*, Parte II, p. 11). Assim, a morte não é apenas o fim, mas um ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre a vida e o Ser.

Para ilustrar a complexa relação entre morte e angústia existencial, recorro à personagem Macabéa, criada por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*. Macabéa, assim como a morte, é envolta em mistério e indefinição, representando um ser em busca de um espaço para existir, mas sem sucesso. Ela é descrita como “incompetente para a vida” (Lispector, p. 39), expressão que revela sua anulação existencial e a incapacidade de encontrar um propósito claro. Sua existência está marcada pela falta de

um projeto definido, e, mesmo diante do vazio de sua vida, Macabéa não projeta sua morte — uma morte que, como nos ensina Heidegger, é "irremissível e intransferível".

Seu "projeto de vida", delineado por um cartomante, é uma tentativa desesperada de dar algum sentido a uma existência que lhe escapa. Anulada pelas vidas ao seu redor, Macabéa busca entender o seu ser, ainda que de forma tortuosa e sem sucesso. Sua jornada revela a luta constante do ser humano diante da finitude, tentando significar a sua própria presença no mundo. Assim, o personagem ilustra a busca incessante de todos nós para compreender e enfrentar a morte, mesmo sem entender completamente a natureza da nossa própria mortalidade.

O afastamento do EU e a perda da conexão com a própria existência são questões que permeiam a experiência humana, especialmente a trajetória de Macabéa em *A Hora da Estrela*. O que leva um ser se desconectar de sua essência e se distanciar de sua verdade mais íntima? O que faz com que o Ser perca a intimidade com sua própria existência, a ponto de se ver diante da morte, seja ela simbólica ou real? Essas questões nos convidam a refletir sobre a transitoriedade da vida e a angústia existencial que nos acompanha ao longo da jornada. Ao tomar consciência da morte, podemos, paradoxalmente, encontrar um caminho para dar significado à nossa vida.

Macabéa vivencia essa epifania ao perceber que sua existência está marcada pela dualidade de ser no mundo e ser para a morte. Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector nos provoca uma reflexão sobre o que é viver de maneira plena e autêntica, sem se perder nas promessas do futuro, permitindo-nos morrer simbolicamente a cada novo amanhecer. A morte de Macabéa se revela em duas formas distintas: a morte existencial, que aniquila seu EU no vazio de sua existência, e a morte literal, que se traduz na perda total de identidade. Dessa forma, a obra oferece uma reflexão profunda sobre como a busca de sentido na vida está intimamente ligada ao enfrentamento da finitude e da fragilidade humana.

Segundo Heidegger, o ser humano é "um ser para a morte", e é nesse reconhecimento da finitude que ele realmente pode se confrontar com a angústia existencial. Macabéa, por sua vez, vive esse conflito entre sua Eu e os Outros, especialmente ao se ver ignorado pela sociedade. Ela é descrita como uma "nordestina, de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente", uma figura marginalizada, que, no entanto, carrega consigo uma história muito mais complexa do que sua condição social sugere. Macabéa se encontra sem uma identidade definida, fragmentada, e sua busca por sentido é um dos principais fios condutores de sua trajetória. Essa busca é mediada pela voz do narrador, Rodrigo, que, aos poucos, vai desvelando a figura de Macabéa por meio de seus próprios questionamentos sobre a vida e a literatura. A linguagem simples do narrador surge como um contraponto aos estereótipos do nordeste, dando forma a um personagem cuja identidade vai se construindo de maneira gradual, refletindo a busca por reconhecimento e pertencimento em uma realidade repleta de incertezas e contradições.

Na obra *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector apresenta a personagem Macabéa, cuja trajetória é marcada por uma profunda complexidade existencial, revelando aspectos cruéis e tocantes da condição humana. Através de Macabéa, o autor nos leva a refletir sobre a interpenetração entre realidade e ficção, especialmente ao abordar a dor como elemento central da experiência humana. Um personagem personifica a angústia de uma existência que se escapa, revelando que, na vida, não há vencedores ou vencidos, mas apenas construções existenciais que, dia após dia, tentam resistir à inevitabilidade da morte. A identidade de Macabéa é distorcida, sua existência é questionada e ela própria é indefinida, imersa em um vazio existencial que a torna uma figura profundamente vulnerável e solitária.

Em um momento de reflexão íntima, após receber um aviso, Macabéa se retira para o banheiro, buscando um espaço de solidão. Frente ao espelho rachado e sujo, ela se observa maquinalmente, e a imagem refletida lhe parece irreconhecível. A deformação de sua aparência, como o nariz exagerado e distorcido, representa a sensação de desintegração de sua própria identidade. A autora descreve:

“Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a existência de sua física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho comum, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de papel. Olhou-se e levemente surgiu: tão jovem e já com ferrugem” (LISPECTOR, 1984, p. 25).

Essa passagem reflete a forma contundente o vazio existencial de Macabéa, cuja visão de si mesma é fragmentada e desfigurada, revelando a luta interna pela busca de uma identidade que parece sempre escapar-lhe.

O ser humano é, por sua natureza, um "ser-para-a-morte". Em sua angústia existencial, o homem vê à sua frente uma porta de entrada, uma alternativa que o convida a escapar da dimensão profunda de sua humanidade. A morte, nesse contexto, não é apenas o fim biológico, mas a porta para a transcendência; é através da morte que o homem exerce um poder sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor. A morte, portanto, não se apresenta como algo a ser temido ou negado, mas como a chave para dar sentido à existência. Ao compreender sua finitude, o homem encontra a razão de sua vida, tornando-se consciente de que viver é, na verdade, uma caminhada contínua em direção à morte. A filósofa Marilena Chauí, ao refletir sobre essa dialética entre vida e morte, afirma: “Viver e morrer são a descoberta da finitude humana, de nossa temporalidade e de nossa identidade: uma vida é minha e minha, a morte. Esta, e somente ela, completa o que somos, dizendo o que fomos” (Chauí, 2000, p. 365).

Em consonância com a filosofia de Heidegger, o homem não é um ser acabado, mas um ser em potencialidade constante, sempre diante de possibilidades que o projetam para o futuro. A existência humana, portanto, está marcada por uma tensão permanente entre o que o homem é no presente e o

que ele poderia vir a ser. Essa tensão é fonte de sua angústia e inquietação existencial, sentimentos essenciais para sua compreensão de si mesmo. A angústia, segundo Heidegger, é o único sentimento capaz de religar o homem à sua verdadeira essência, pois é ela que o leva ao autoconhecimento, o impulsiona a transcender uma vida mesquinha e tediosa e, acima de tudo, permite que ele enfrente a continuidade da vida e da morte. Como o próprio Heidegger afirma em *Ser e Tempo*: “A morte é o escrínio do nada, do que nunca, em nível algum, é algo que simplesmente é e está sendo” (Heidegger, 1927, p. 234).

O ser humano é, essencialmente, um ser finito, e é justamente por meio dessa finitude que sua verdadeira grandeza se revela. A morte, nesse contexto, não é um evento isolado ou um mal que nos acomete, mas uma força que permeia a própria estrutura da existência humana. Ela não é algo que acontece de forma pontual, mas um movimento contínuo e implacável, que afeta não apenas os seres humanos, mas todo o cosmos. Tudo o que existe está sujeito à morte: tudo seca, desmorona e desaparece, num ciclo irreversível e inevitável. A morte, portanto, não é apenas um fenômeno biológico, mas a condição ontológica do ser, algo intrínseco à sua existência. A dialética entre vida e morte, sempre presente, constitui a base da angústia existencial humana, pois, no confronto com a finitude, o ser se vê desafiado a buscar um significado que transcenda sua própria mortalidade. Na perspectiva niilista, a morte representa o fim absoluto, em que o ser desaparece por completo, sem qualquer possibilidade de continuidade ou transcendência. Essa visão reduz a existência humana à pura matéria, ignorando a dimensão existencial que transcende a carne (Costa, 1989, p. 89).

Na morte, o indivíduo é forçado a se interpretar, a questionar-se sobre sua própria existência. A interrogação sobre a morte não se limita a uma explicação causal, como a medicina tenta fornecer; ela envolve, acima de tudo, uma busca pelo sentido mais profundo da vida e do fim dela. Por que morremos? Por que aquela pessoa, e não outra? Por que agora, e não mais tarde? A morte, portanto, nos desafia a confrontar o significado de nossa finitude. Em suas palavras, Leonardo Boff afirma: “Hospedar a morte dentro da vida é poder acolher a caducidade da existência não como fatalidade biológica, mas como chance da liberdade de doar a vida que me vai sendo arrancada” (Boff, 2000, p. 116). Cada *Dasein*, em sua jornada existencial, alcançará o fim de seu percurso, queira ou não, pois é através da morte que o Ser completa o seu existir. Na obra de Clarice Lispector, a morte de Macabéa já é antecipada nas primeiras palavras da narrativa, como uma previsão: “... ela que não parecia ter sangue, a não ser que viesse um dia a derramá-lo” (Lispector, 1984).

A revelação de mundos interiores e desconhecidos em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, é expressa de maneira intensa no pensamento existencial de Macabéa, momentos antes de sua morte. Ela se agarra a um fio de consciência e repete para si mesma: “eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia” (Lispector, 1984, p. 95). Este fragmento revela a incerteza de sua identidade e sua luta interior para se pesar, imersa em um vazio existencial. Inconsciente de si mesma, Macabéa se apresenta

como um ser que busca uma que a escapa, refletindo a busca constante do ser humano por um propósito.

Macabéa vive sem pensar no futuro, até que, inesperadamente, é confrontada com uma revelação pela cartomante: ela está “grávida” de um futuro desconhecido. Esse momento, marcado pela epifania, representa uma ruptura com a realidade do seu cotidiano. No entanto, essa revelação também traz frustração, pois ela se vê incapaz de concretizar seus sonhos e de lidar com as expectativas de um futuro que parece inatingível. Sua vida, até então marcada pela falta de direção, entra em choque com a visão de algo maior, algo que ela nunca teria que existia.

A epifania, portanto, é um momento de fusão entre o Eu e o Mundo, um lampejo súbito de consciência que ilumina, por um instante, a possibilidade de um futuro. Porém, essa possibilidade é bruscamente interrompida pela morte, quando a expectativa de um novo começo se dissolve. Macabéa, ao se deparar com a iminência de sua finitude, tem sua busca por significado interrompido, mostrando a tragédia existencial da impossibilidade de realizar seus sonhos e de escapar da morte que a define.

A personagem de Clarice Lispector, Macabéa, ao se deparar com sua morte iminente, é confrontada com as profundezas dessa experiência, que se revelam em sua descrição de uma conexão orgânica e quase erótica com o fim da vida. A morte, para ela, é vivida como uma abertura para algo essencial, um retorno à terra, como diz o texto: “tinha-se aberto em fenda à terra de Alagoas”. Esse momento de morte iminente não é simplesmente uma aniquilação, mas uma experiência carregada de tensões paradoxais.

A morte, aqui, se entrelaça com uma sensação de prazer quase erótico, revelando uma erotização da própria finitude. Macabéa experimenta uma "úmida felicidade suprema", como se, ao enfrentar a morte, ela fosse finalmente abraçada por algo que, até então, lhe escapava. Lispector insere uma sensualidade no momento da morte: "Havia certa sensualidade no modo como encolher. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual?" O rosto de Macabéa, “um esgar de desejo”, reflete a fusão entre o desejo e a morte. A morte, nesse sentido, se aproxima da experiência de um desejo não consumado, um gosto "suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor". Este momento de transição, onde Macabéa passa da virgindade da vida para a "mulher" da morte, revela o complexo entrelaçamento entre a finitude e a sensualidade, o abandono e a realização, o dor e o prazer. (Lispector, 1984, pág. 103)

A morte, enquanto manifestação natural da existência, tem sido amplamente abordada sob diversas perspectivas, sejam metafísicas, ontológicas ou religiosas, sendo muitas vezes tratada como um mal resultante, algo a ser temido e rejeitado. No entanto, existe um aspecto mais misterioso e enigmático associado à morte, que, ao ser experienciado, pode revelar camadas profundas do ser, dando sentido à vida de formas imprevistas. A morte, portanto, não é apenas um fim, mas um conceito carregado de significados complexos que ecoam nos mistérios da existência humana.

Sob uma abordagem fenomenológica e existencial, a morte se apresenta inicialmente como a morte dos outros. Contudo, essa experiência da morte nunca é totalmente nossa até que nos deparamos com a iminência de nossa própria finitude. A experiência da morte, como a do nascimento, é uma vivência solitária, uma vez que, por mais que o moribundo esteja rodeado de entes queridos e de suas condolências, a verdadeira vivência da morte é única e solitária. A morte, em seu sentido mais profundo, é uma vivência que, como o nascimento, se encontra já inscrita em nosso ser desde o momento da concepção. A solidão à morte é, portanto, um dos aspectos constitutivos dessa experiência, e essa solidão é o que torna a morte ainda mais impenetrável e singular.

No cotidiano da existência, somos constantemente confrontados com a ideia da morte, o que muitas vezes nos leva a “renascer”, como o fênix, para novas formas de viver. No entanto, tanto o nascimento quanto a morte envolvem dor. A dor do nascimento é algo que nos precede, algo que experimentamos passivamente, mas a dor da morte é algo que nos toca profundamente e que devemos enfrentar. Como observa Clarice Lispector em *A Paixão Segundo GH*: “morrer é do maior risco, não saberei passar para a morte e pôr o primeiro pé na primeira ausência de mim” (Lispector, 1984, p. 128). A experiência da morte, de fato, nos coloca diante de nossos íntimos, nos desnudando e revelando as dores e mágoas que carregamos ao longo da vida, fazendo-nos confrontar nossa própria vulnerabilidade e finitude.

“A angústia é o caráter típico e próprio da vida. A vida é angustiosa. E por que é angústia a vida? A angústia da vida tem duas facetas. De um lado, é necessidade de viver, é anseio de ser, de continuar sendo, para que o futuro seja presente. Mas, de outro lado, esse anseio de ser leva dentro o temor de não ser, o temor de deixar de ser, o temor do nada. Por isso, a vida é, de um lado, anseio de ser, de outro, temor do nada. Essa é a angústia. Pois o nada amedronta o homem”. (Morente, 1998, p.311)

Macabéa, na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, representa a figura do ser humano que se vê enredado em sua própria marginalidade, buscando um sentido para sua existência no presente imediato, sem qualquer preocupação com o futuro. Sua busca por identidade é efêmera e desesperada, como se estivesse tentando se agarrar à própria vida com um fervor quase insano, sem compreender verdadeiramente o que é viver. Esse impulso existencial é mostrado de forma clara em um dos gestos mais simbólicos da obra: “beija Madama no rosto, com beijo estalado e, nunca numa nascente introspecção, firmará na hora da morte, o que muitos viventes tomam consciência em seu curto espaço de tempo neste planeta: ‘... eu sou, eu sou, eu sou’” (Lispector, 1984, p. 103). Macabéa, então, se encontra com uma revelação que transcende a mera ação, com um desejo de afirmar sua própria existência, mas é na morte que ela realmente se encontra. O ato de “beijar Madama” representa o seu contato com algo que transcende a sua vida comum, um impulso de reconhecimento, como se fosse sua única chance de ser, através desse ato de ilusão e de um amor inatingível.

Sua morte, que se aproxima de maneira evidente, não se dá apenas como um fim biológico, mas como um momento de revelação existencial. A “hora da estrela”, o momento de sua iluminação, se concretiza no instante final, quando ela se liberta da própria existência desprovida de significado. Ao morrer, Macabéa atinge uma consciência que antes era alienada, uma tomada de posição sobre sua vida e sua finitude. No momento de sua morte, ela afirma sua liberdade, não porque tenha vivido plenamente, mas porque, finalmente, deixa de lutar por um sentido que jamais conseguiu encontrar. Como diz Lispector: "Ela estava finalmente livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei por que acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede" (Lispector, 1984, p. 97). A morte, para Macabéa, não é apenas o fim de sua existência, mas o reconhecimento da impossibilidade de escapar de sua condição. Ela não pode mais lutar contra o que já está predestinado, e a liberdade da morte é a última forma de liberdade que ela alcança.

Este momento de transição entre a vida e a morte, entre o ser e o nada, é uma das maiores expressões da filosofia existencial. Para Macabéa, como para muitos de nós, viver é uma luta constante contra o desconhecido, e morrer se torna a única maneira de alcançar uma verdadeira forma de libertação, mesmo que isso não envolva uma realização plena. A morte a liberta de uma vida que nunca foi dela, marcada pela ausência de sentido e pela anulação de sua identidade. Em sua última experiência, Macabéa percebe a transitoriedade da vida, a fragilidade da existência humana, e, assim, se entrega ao desconhecido, à morte que, de certa forma, finalmente lhe proporciona o que a vida não pôde oferecer: liberdade.

A reflexão sobre a morte, apresentada por Lispector, nos leva a questionar a nossa própria existência e o que ela realmente significa. O que é viver, afinal, não é uma busca constante, uma tentativa de preencher o vazio que nos habita? O que é morrer, senão a inevitabilidade de todos os seres humanos? Em seus últimos momentos, Macabéa não está apenas enfrentando sua morte física, mas uma angústia existencial de ter vivido sem nunca ter se encontrado. A morte se torna, então, o grande revelador, não só da finitude da vida, mas do sentido profundo de que a existência humana busca incessantemente, mesmo sem nunca poder encontrá-lo completamente.

Dessa forma, a morte de Macabéa não pode ser vista como algo isolado, mas como o ponto culminante de uma busca constante por significado, uma busca que nunca foi capaz de ser plenamente realizada. E, como Heidegger nos ensina, é somente na área acessível da nossa finitude, no reconhecimento de nossa condição de seres-para-a-morte, que somos capazes de realmente compreender o que significa viver. Macabéa, portanto, na sua simplicidade e na sua entrega final, nos ensina que viver é, em última instância, viver à espera da morte, e que a morte, por mais trágica que seja, é a única verdade capaz de dar sentido ao que somos.

A morte de Macabéa é, de facto, um momento de transição filosófica crucial, em que a sua existência se entrelaça com os conceitos de finitude e autoconhecimento. Como afirma Heidegger, “o Dasein sempre se entende a si mesmo, a partir de sua existência, a saber, a partir de sua possibilidade de ser si mesmo ou não ser si mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 61). Macabéa, até o momento de sua morte, viveu em uma espécie de inconsciência de si mesma, algo que a tornou incapaz de se projetar enquanto ser. Sua morte, no entanto, vem a revelar seu ser de maneira abrupta, embora tardia. Um personagem não teve a chance de vivenciar plenamente a própria existência, e a morte surge, assim, como o único momento em que ela realmente se compreende, embora de forma trágica.

É importante observar que a morte de Macabéa não é um simples fim biológico. Como coloca Heidegger, “se a interpretação do sentido de ser é uma tarefa a ser realizada, o Dasein não é somente o ente a ser questionado em primeiro lugar, é além disso, o ente que já se comporta cada vez em seu ser relativamente àquilo de que se pergunta, o pergunta, nessa pergunta...” (HEIDEGGER, 2012, p. 69). Macabéa, ao morrer, não só atinge o fim de sua jornada existencial, mas também se coloca em uma condição de pergunta que transcende seu ser: quem foi ela, afinal? No instante final, um personagem se confronta com o nada, com a ausência que sempre é habitual e que agora se manifesta fisicamente. O ato de morrer é uma revelação, embora incompleta, do que poderia ter sido sua vida, se tivesse tido a oportunidade de habitar sua própria existência de forma mais consciente.

O “instante” de sua morte, descrito de maneira quase poética por Lispector, ilustra a transitoriedade da vida humana, esse “átimo de tempo” que se extingue e se reinicia continuamente, como se nada realmente tivesse peso ou substância. “O final foi bastante grandiloquente para a sua necessidade? Morrendo, ela virou ar. É energético? Não sei. Morreu em um instante. O instante é aquele átimo de tempo em que o pneu do carro correndo em alta velocidade toca no chão e depois não toca mais e depois toca de novo. Etc., etc., etc. No fundo, ela não passa de uma caixinha de música meio desafinada” (LISPECTOR, 1984, p. 84). Essa reflexão metafísica, com sua ênfase no caráter efêmero da existência humana, ressoa a angústia de Macabéa, um ser que, no momento de sua morte, realiza a total falta de sentido de sua vida, mas também a profunda liberação que o fim da existência traz.

A frase “Qual é o peso da luz?” (LISPECTOR, 1984, p. 84) se torna uma metáfora para o que Macabéa experimenta em seu último suspiro: uma leveza que não é de uma realização plena ou de um ser finalmente “completo”, mas a realização de sua limitação intrínseca enquanto é humano. Esse vazio existencial, que perpassa sua trajetória, finalmente se revela em sua morte, um evento simultaneamente desolador e libertador. A luz, a caixinha de música desafinada, o instante irrepitível — tudo isso se torna uma representação do que é a finitude e a condição do ser, que só se entende como Dasein quando confrontado com a sua própria mortalidade.

A morte, para Heidegger, é uma possibilidade de ser que o Dasein deva assumir continuamente, uma vez que, ao se deparar com ela, ele se torna o próprio responsável por seu destino existencial. Nesse sentido, a morte não é apenas o fim da existência, mas sim a condição pela qual o Dasein atinge sua mais profunda compreensão de si mesmo. Como Heidegger coloca, "a morte é uma possibilidade do já-não-poder-ser-'aí'. Assim, a morte se desvenda como a possibilidade mais-própria, irremetente e insuperável. Como tal, a morte é um assinalado onde cuja possibilidade existenciária tem seu fundamento em que o Dasein é ele mesmo essencialmente aberto para ele mesmo e o é no modo do ser-adiantado-em-relação-a-si. Esse momento estrutural da preocupação, não é para ser-adiantado-em-relação-a-si. a morte, a sua concretização mais-originária" (HEIDEGGER, 2012, p. 691). A morte, portanto, não pode ser entendida simplesmente como o fim do corpo, mas como a possibilidade última que revela o ser de maneira profunda e definitiva.

Em relação a Macabéa, sua morte aparece como a concretização desse conceito heideggeriano. Ela, que viveu de maneira passiva e quase desprovida de autoconhecimento, é, no instante de sua morte, confrontada com sua mais pura e nua existência. Ela nunca teve a chance de entender a si mesma enquanto Dasein, mas, ao morrer, encontra um último momento de iluminação trágica. "Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som" (LISPECTOR, 1984, p. 97). Aqui, uma referência à morte de Macabéa evoca a noção de que a morte é uma contemporânea no vazio, um acontecimento que transcende o ser e que ressoa na ausência de sentido e de percepção, uma melodia sem som, um eco do não-ser que se aproxima de todos.

Nesse instante, Macabéa parece tomar consciência de sua finitude e de sua impotência diante da vida. A morte se torna, então, o único momento em que ela experimenta a totalidade de sua existência, embora de maneira trágica e breve. Como diz Heidegger, "com a morte o Dasein é iminente ele mesmo para ele mesmo em seu poder-ser mais-próprio" (HEIDEGGER, 2012, p. 691). No caso de Macabéa, a morte representa a culminação de um ser que, durante toda a sua vida, foi incapaz de se perceber como um ser para si. Sua morte é a chance de um último vislumbre dessa possibilidade, mas, como sugere a narrativa de Lispector, ela nunca alcançará a plena realização de si mesma. Em seu fim, o que resta é uma constatação de sua condição existencial, um "eu sou" que, paradoxalmente, surge no momento em que ela já não pode mais ser.

3 CONCLUSÃO

A análise da morte e da existência, mediada pela obra de Clarice Lispector e as contribuições filosóficas de Heidegger, revela uma visão profundamente humana e complexa sobre a finitude. A personagem Macabéa, em sua trajetória de vida marcada pela alienação e falta de autoconhecimento, representa a luta constante do ser humano em lidar com a morte e a angústia existencial. Através de



sua morte precoce e de seu momento epifânico, ela vivencia, embora de forma trágica, a revelação do seu ser mais profundo, questionando sua própria identidade e sua relação com o mundo.

Ao longo de sua narrativa, Clarice Lispector nos oferece uma reflexão sobre o vazio existencial e a busca de sentido, temas caros à filosofia existencialista. A morte de Macabéa, longe de ser um fim físico limpo, simbolizou o enfrentamento da própria finitude, assim como o momento de uma verdadeira revelação interior. Um personagem, assim como o Dasein de Heidegger, está imerso no dilema de sua existência, sem jamais alcançar uma compreensão plena de si mesmo, mas sendo levado pela inevitabilidade de seu destino.

Por outro lado, a obra de Heidegger fornece um marco teórico para a compreensão dessa experiência. O conceito de ser-para-a-morte explícito que a morte não é simplesmente um evento, mas uma possibilidade que atravessa e define o ser. A morte é a chave para a compreensão de nós mesmos, pois é nela que o Dasein se confronta com sua finitude e encontra o sentido de sua existência. A morte, nesse sentido, não é um mal a ser evitado, mas uma condição necessária para que a vida adquira.

Ao refletir sobre a morte em "A Hora da Estrela", Clarice Lispector nos provoca a confrontar nossa própria existência, nossos medos e desejos mais profundos. A morte, longe de ser um simples fim, torna-se, assim, uma oportunidade de compreensão, iluminação e libertação. Em última instância, Macabéa, ao morrer, simboliza a grandeza da finitude humana, onde, paradoxalmente, a morte revela a possibilidade de ser em sua totalidade, tornando a vida e a morte indissociáveis na busca incessante por sentido.

Essa análise filosófica e literária convida à reflexão sobre nossa relação com a morte, com a angústia existencial e com o nosso próprio ser no mundo. E, como conclui Heidegger, “o Dasein sempre se entende a si mesmo, a partir de sua existência, a saber, a partir de sua possibilidade de ser si mesmo ou não ser si mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 61). A morte é a possibilidade mais radical, a partir do que podemos, de fato, nos entender como seres finitos e, portanto, plenamente humanos.



REFERÊNCIAS

- BATISTA, João Bosco. O ser-para-a-morte em Heidegger: uma problematização fenomenológico-existencial . Disponível em : <https://pt.scribd.com/document/419300716/Heidegger> . Acesso em: 15 atrás. 2022.
- BOFF, Leonardo. Paixão de Cristo-paixão do mundo; o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje . Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- COSTA, Roberto Marques. Concepção da morte no existencialismo de Heidegger e Sartre . Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/306/348> . Acesso em: 16 atrás. 2022.
- CHAUÍ, Marilena de Souza (consulta). Vida e Obra . In: HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos , p. X.
- COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas . São Paulo: Saraiva, 2002.
- GUIDIN, Márcia Lígia. Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector . São Paulo: Ática, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências . Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo . Petrópolis: Vozes, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9. ed., 1984.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH Rio de Janeiro: Rocco, 1998.